

O ENSINO DE ARTE E A FESTA POPULAR – FESTAS DE SÃO JOÃO EM FORTALEZA E NO PORTO

Autora: Edite Colares Oliveira Marques - editecolares@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo apresenta uma pesquisa realizada sobre as festas populares e o ensino de arte, em sua vertente Patrimônio Imaterial, nas cidades de Fortaleza e do Porto em toda a área metropolitana e circunvizinhanças. Como metodologia foi adotada uma perspectiva comparada, ao intentar apontar possíveis articulações entre as manifestações tradicionais de festejos brasileiros e festejos populares portugueses, com base numa recomendação da legislação educacional brasileira ao ensino de arte, de que seja dada uma maior atenção às expressões regionais, relacionando-as às suas bases históricas. Propomos uma estratégia de pesquisa de base etnográfica, no que se refere ao inventário de festejos tradicionais, querendo sistematizar cantos, ritos e modos de expressão, em suas permanências e apropriações, guardadas e ainda praticadas, especialmente em zonas dos litorais brasileiro e português, tomando Fortaleza e a cidade do Porto, como áreas centrais de busca de acervo documental e bibliográfico para o estudo proposto. Os estudos já realizados fundamentaram-se em autores, como: Mikhail Bakhtin, que ajudou a estabelecer relações importantes entre as festas tradicionais e a Cultura Popular, Huizinga, que acendeu a chama do espírito lúdico e estético na educação, pois seríamos, na essência, *Homo Ludens*. Henry Giroux ao abordar a *Cultura Popular e Pedagogia Crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular*, Michael Aple em sua perspectiva da *Política Cultural e Educação*, dentre outros. Assim sendo, apresenta-se um apanhado de manifestações de festejos populares capazes de inspirar o ambiente escolar para a vivência artístico-cultural criativa e investigadora. A festa popular em pauta, o festejo de São João, trata-se da maior festa popular das duas regiões. Ainda assim, tanto em Fortaleza, quanto no Porto denotou-se um total afastamento da escola, enquanto instituição educativa e de cultura, das manifestações locais de participação das celebrações em homenagem a São João. Em ambos os casos há uma omissão quase completa da escola em contribuir para os festejos.

Palavras-chave: Educação, Cultura Popular, Arte.

Abstract

This article discusses the integration of traditional holidays in art education, highlighting theoretical-methodological aspects of the postdoctoral trying articulate the cultural practices popular interfaces found in Fortaleza-BR and Porto-PT, in order that, by identifying similar traits, contributes to support the understanding of their cultural matrices, mutual influences and the discovery of a dialectical and historical contact, phenomenon that is full of contradictions and subject to transformations of the time in which it is inserted. As a form of empirical analysis visualized the joaninas holiday inside the perspective to understand them in the context of manifestations of popular culture more relevant in the cities of Porto and Fortaleza articulating it to the context of the art education in elementary school. As a result of the profile found in the said traditional popular holidays makes a reflection about the concept of cultural identity supporting by authors as: HALL, WOODWARD, BOAS, SILVA, ORTIS, and others.

keywords: art, education, popular culture.

A Festa Popular

Festejos populares são fenômenos da vida social que acompanham os homens desde a mais remota antiguidade. Suas motivações são de ordem cívica, religiosa, celebrativa etc. Sempre oportunizaram situações de encontro, partilha, sociabilidade. A festa sempre reuniu gerações para rezar, comer, dançar, cantar, jogar, vender, comprar, dentre outras atividades.

Tomamos a festa popular tradicional como foco do nosso estudo por acreditar que o seu universo reúne um conjunto de aspectos da vida social que são culturais e educativos e precisam ser vivenciados na escola. A dimensão lúdica da festa, sua possibilidade criativa, interativa, participativa faz-nos tomá-la como perspectiva de atuação no ensino, ou seja, no ensino de arte a festa, enquanto componente da vida cultural, pode abranger reflexão e prática da arte na escola.

Compreendemos que na festa popular tradicional poderíamos ter elementos introdutórios da dança, da música, da representação e artes visuais necessários aos educandos em sua fase inicial. Procuramos entender o espaço da festa na proposta curricular e na prática de ensino em Fortaleza e no Porto. Inicialmente abordamos sua pertinência legal, enquanto patrimônio cultural, como vimos anteriormente. Desta maneira, tendo concluído pela necessidade de uma reflexão sobre a festa como grande espaço de manifestação cultural dentro da escola, propusemos aqui catalogar festas no Porto e em Fortaleza, observar sua presença na escola, no Porto e em Fortaleza, tecer considerações sobre uma visão educativa da festa, em especial no ensino de artes nas séries iniciais do ensino básico.

Assim, descrevemos e analisamos diversas festas, em seguida as investigamos dentro da escola e, finalmente, ao relatar experiências propositivas encontradas em situações educativas de festa, seja em um festival, em um grupo folclórico ou num núcleo etnográfico ou em escolas, as situações elucidadas correspondem à pista para uma atuação mais significativa da festa na escola.

A festa, a qual nos reportamos, é aquela que ocorre na comunidade e que por fazer parte da vida da criança não pode deixar de estar no currículo, bem como ser base da vida comunitária *lócus* de fundamentação de saberes escolares. Todo conhecimento escolar deve encontrar fundamento nos saberes enraizados na vida cotidiana da criança de onde deve partir para adquirir novos conhecimentos.

Os Desafios Teórico-metodológicos da Abordagem da Cultura Popular no Ensino de Arte na Educação Básica.

Os primeiros achados da investigação nos levaram ao aprofundamento dos estudos sobre a metodologia adequada à pesquisa em foco. Ao visualizar as festas populares como lugar privilegiado do popular e do tradicional, em sua manifestação mais viscerais dentro da vida comunitária, envolto em momentos de celebração, reunião e aprendizagens coletivas, optamos por este elemento como enunciado indispensável a um ensino de arte que se responsabilize por levar às gerações atuais, uma iniciação ao patrimônio cultural

e, às vindouras, uma possibilidade de educação permeada de produção coletiva da arte da humanidade em geral, e de cada lugar, em especial.

Reconhecendo o popular tradicional como momento de constituição da cultura de uma determinada população e como ação cultural comum a diversos povos, imaginamos articular às raízes das referidas práticas, encontradas em Fortaleza-Ceará e em Porto-Portugal, com a finalidade de observar traços culturais análogos, pressupondo que contribuamos com um olhar mais apurado sobre suas origens e como tais práticas se afirmaram em distintas culturas.

Encarando desta maneira, encontramos convergências em distintos métodos de pesquisa: ao projetar esta investigação pensamos em metodologia comparativa, mas, ao nos posicionarmos frente aos dados encontrados, demo-nos conta da impossibilidade de chegarmos às raízes mais profundas das relações, que se travam em tal fenômeno social em um conjunto que articula aspectos das interações travadas entre os sujeitos das práticas festivas, em diferentes contextos, os procedimentos de transmissão cultural, a renovação e manutenção das tradições, para mencionar apenas diminutos aspectos da grandeza deste fato formativo da cultura de uma comunidade, impossíveis de serem abordados apenas com base nas generalizações próprias ao método comparativo.

Assim, como nos ensina Frans Boas, em sua *Antropologia Cultural: Em suma, antes de se tecerem comparações mais amplas, é preciso comprovar a comparabilidade do material.* (BOAS, 2004, p. 32).

O objetivo de nossa investigação é descobrir os processos pelos quais as festas populares com seus ritos, se desenvolveram, e as conexões que guardam com a educação dos mais jovens. Concordamos, com Boas, de que (...) *quando se pode comprovar que há uma conexão histórica entre dois fenômenos, estes não devem ser aceitos como evidências independentes.* (BOAS, 2004, p. 33).

Compreendemos que mesmo ao identificar uma mesma matriz cultural, bem como as influências recíprocas e o contato histórico entre Portugal e Brasil nossa reflexão deve-se pautar por uma fundamentação histórica e dialética pela qual todo fenômeno está sujeito a contradições e transformações próprias do tempo histórico no qual está inserido.

Valemo-nos da convicção de que a ação do sujeito é fruto em grande parte das aprendizagens do meio no qual está imerso, e dos quais a própria escola é parte integrante, e por meio de suas atividades influencia o modo de ser e pensar do educando. Novamente ecoamos BOAS para reforçar a ideia de que, [...] *o método que estamos tentando desenvolver baseia-se num estudo das mudanças dinâmicas da sociedade que podem ser observadas no tempo presente* (BOAS, 2004, p. 47).

É flagrante, então, que este não se restringe a um estudo comparativo, mas compõe-se também, de um estudo etnológico que colocará à disposição um material descritivo e analítico das formas culturais festivas, que deitam raízes em um passado remoto e que, ainda hoje, se constituem em práticas culturais vivenciadas e transformadas com a reação dos indivíduos à cultura na qual vivem e às influências das mesmas sobre a sociedade e a educação da sensibilidade.

O estatuto epistemológico desta pesquisa encontra, então desafios que colocam em xeque sua validade enquanto ciência da educação. Aqui, preocupa-nos não a cultura popular tradicional como um receituário para práticas pedagógicas bem intencionadas, mas reconhecer as manifestações festivas, como rituais que acompanham a humanidade desde a mais remota antiguidade, incluídas como parte indispensável à formação sensível e humanística de nossos estudantes.

Lançar mão dos variados recursos metodológicos de pesquisa qualitativa tornou-se, um imperativo, digamos, categórico. Voltamos nosso olhar para percursos traçados na antropologia com a metodologia etnológica, de onde pensamos em organizar uma recolha de práticas das festas populares de Fortaleza e do Porto e, para tal, nos utilizamos de meios variados como a fotografia, a filmagem e a visita a espaços onde tais manifestações se fazem presentes (praças, parques e praias) e o lugar privilegiado da educação (a escola) onde a festa revelou-se ainda ausente ou distante, até a recursos do método biográfico, quando ao entrevistar o professor procuramos identificar as ligações que o mesmo estabelece entre suas próprias vivências culturais e aquelas que realiza em sua prática docente.

Ficaria ao leitor, com certeza, uma dúvida sobre os possíveis choques que a utilização de metodologias distintas poderia causar ao resultado desta pesquisa, indagação a qual nos antecipamos em responder afirmando que tal embaraço foi superado na medida em que as metodologias empregadas confluem, ao conceberem uma perspectiva de pesquisa social que não encarcera o objeto de conhecimento nos grandes acontecimentos, na história das elites, [...] *mas também a história enquanto memória coletiva do cotidiano* [...] (FERRAROTTI, 2013, p. 41).

Dessa maneira, as análises aqui foram elaboradas graças a uma grande variedade de instrumentos de coleta de dados, sejam eles oriundos do acesso primário como nas entrevistas, que exigem do pesquisador o cuidado de manter a máxima isenção, motivando o entrevistado à participação sem, contudo, influenciar nas suas colocações, ou utilizando materiais secundários como recortes de jornal, como reportagens pertinentes ao tema com o qual se estabelece um diálogo com outros interlocutores.

Ao falarmos em método de pesquisa é importante dizer que mesmo buscando fundamento em metodologias distintas de investigação dos fenômenos, tais metodologias têm uma mesma concepção teórica: histórico-crítica e dialética, vendo o sujeito como resultado das relações socioeconômicas e culturais das quais participa cotidianamente, mas entendemos que, ao mesmo tempo em que sofre a ação da história, através do processo de conscientização, deve procurar entender suas causas, desvelando as relações e conexões causais que as fazem ser assim hoje, e reconhecer as possibilidades de transformação destas mesmas relações em suas causas e efeitos.

Nossa tarefa primordial deve ser delimitar claramente o objeto de estudo da pesquisa em questão, determinar a ordem dos fatos que a compõe para só aí poder procurar identificar caracteres comuns entre contextos suficientemente próximos em suas práticas sociais e educativas. Portanto, inicialmente, agruparemos situações sobre a mesma denominação, "festejos populares", nas duas comunidades pesquisadas, a fim de

apresentar ao leitor um conjunto de fatos sociais capazes de identificar ou distinguir este fenômeno, enquanto processo de formação da sensibilidade e da sociabilidade em cenários educativos.

Só após a descrição de festejos populares em Fortaleza e no Porto é que trataremos de categorias de análises nas quais ambas as situações se identificam ou não, para, na sequência, projetar possíveis viabilidades destas festividades em contextos educativos nos quais as mesmas possam contribuir de maneira decisiva para o fortalecimento do ensino de arte nas séries iniciais do ensino básico.

Dentro da proposta deste trabalho adotaremos, de aqui em diante, o seguinte procedimento: relataremos festejos populares, ora em Fortaleza, ora em Porto, e faremos algumas reflexões sobre tais manifestações e sua dimensão educativa, seja no ambiente escolar ou comunitário. Tais reflexões tomam, como fundamento, tanto a observação dos fatos culturais (folclóricos), quanto entrevistas realizadas com agentes culturais ou professores. É evidente que os estudos realizados das obras de diversos autores, aqui mencionados, são o pano de fundo sobre o qual vamos costurando esta colcha de retalhos que ora expomos.

Festas Joaninas na Cidade do Porto

No Porto, os festejos joaninos são considerados pela população em geral o mais tradicional e são ansiosamente esperados. Nessa festa, a cidade do Porto vê radicado o momento de celebração da vida comunitária, e as ruas da cidade são tomadas por todos. É uma noite, 23 de junho, na qual se mantém vigília, pois o foguetório não deixa a cidade dormir. Assim, tal manifestação mantém, ainda hoje, práticas que estão enraizadas no passado, entendidas como fruição coletiva de uma ação cultural que alimenta a identidade e o patrimônio cultural desse povo.

Mas, ao contrário do que a maioria das pessoas possa pensar, os fundamentos de tal prática popular têm origem naturalística, como afirma Coelho: *...os costumes populares têm suas raízes nos velhos cultos naturalísticos* (COELHO, 1993, p. 274). Dessa maneira, práticas como acender fogueiras, que no ano de 2013 ainda se pode assistir, nas comemorações a São João, bem como o costume de saltar fogueiras remontam à crença ancestral de que assim se obtém influências benéficas sobre a saúde e se afugentam malefícios.

Na noite de São João, as pessoas ficam fora de casa até a madrugada, segundo COELHO: *...a fim de apanhar as orvalhadas, isto é, o orvalho sagrado desta noite que dá vida para longos anos...* (COELHO, 1993, p.311) Isso faz parte desse conjunto de tradições que se perde nas brumas do tempo e que dava sentido à vida.

É essencial perceber que as festas, ditas hoje religiosas, têm origem nas manifestações relativas ao vínculo do homem à natureza, como no caso das festas joaninas aonde fica patente a relação com o solstício de verão, pois que nas chamas da fogueira evidencia-se a íntima relação que estabelecem com o símbolo de origem representativo do sol, já presente nos cultos pagãos.



Figura 1. Festas Joaninas nos Arredores do Porto

No dia 9/06/2013, estivemos em Santo Tirso, cidade que fica a 25 min. de trem da cidade do Porto, para assistir a um festival de folclore, daquela região. Ao descer na estação e caminhar para o Parque D. Maria II, onde ocorreria o evento deparei com um jovem que vinha em direção contrária a minha e trazia sobre os ombros um grande galho de uma planta que parecia um pé de milho e ao passarmos, um pelo outro, perguntou-me:

- Aonde vai?

-Ao Parque D. Maria II, - Respondi.



Figura 2.

Percebi tratar-se de uma pessoa com deficiência mental e fomos, cada um, para seu lado.

Chegando ao parque, os grupos folclóricos já se apresentavam. Todos eles eram compostos por músicos e bailarinos.

As músicas todas tinham o mesmo ritmo conhecido pelos brasileiros, a exemplo do *vira-vira*, trazido ao Brasil por Roderto Leal, mas ao perguntar sobre o gênero me informaram tratar-se de ranchos, no momento não percebi que o termo *ranchos* se referia a

denominação que dão ao grupo que apresenta as danças. O gênero tratava-se de Viras, muito típicos de Portugal. Algo me chamou atenção: um instrumento artesanal, construído com madeira que emitia o som do nosso reco-reco, só que mais grave e, ao indagar sobre o mesmo, soube que recebe a mesma denominação: reco-reco.

Na dança, eram feitas evoluções circulares e em filas, aos pares ou não. As vestes eram típicas e a grande maioria eram senhores e senhoras, e poucos jovens participavam.

As pessoas assistiam, mas muitos também dançavam, e o rapaz que visualizei no caminho, em seguida, chega ao parque e faz de seu galho no ombro seu par e dança animadamente até acabar o festival, participando, à sua maneira, mas com uma coreografia harmonicamente ritmada.

Esse primeiro momento de observação levou-nos a constatar como tais manifestações têm caráter democrático, pois o fato de não só os grupos dançarem, mas também o cidadão comum que se encontrava no parque, até mesmo um jovem que faz de um arbusto ao ombro seu *partner*, demonstra que as aprendizagens anteriores e a alegria da música e da dança contagiam e abrem espaço à participação comunitária.

Festejos de Santo Antônio

No dia 13/06/2013, duas cidades portuguesas comemoram, de modo especial, o dia de Santo Antônio, por ser seu padroeiro: Lisboa e Vila Nova de Famalicão. Como soubemos que a festa em Lisboa era toda televisionada decidimos ir para Vila Nova de Famalicão.

Durante o dia ficamos no hotel, esperando o horário da festa em Vila Nova de Famalicão e, enquanto isso, assistimos ao enlace coletivo que ocorria em Lisboa, no qual inúmeros casais têm toda a despesa do casamento paga e o cerimonial organizado pela prefeitura de Lisboa e inúmeros casais unem-se nesta data. O repórter que fazia a cobertura do evento entrevistou os casais sobre as razões para casarem-se neste dia e a grande parte afirmou tratar-se de um sonho e de uma tradição. São conhecidos como Casamentos de Santo Antônio, mas poucos revelaram que ter as despesas pagas também contou como justificativa para a escolha da data.

À noite, quando conferimos o festejo de Santo Antônio em Vila Nova de Famalicão, ficamos surpresos, pois o que encontramos foi uma grande feira livre com inúmeras barracas comerciando produtos variados, dentre eles, alguns artesanatos e barracas de brincadeiras. Também estava armado um grande palco no qual se exibiram artistas locais, mas executando uma música marcadamente sob o selo da indústria cultural. Uma música de baixa qualidade, aqui rotulada de música "pimba".

Como não vimos "marchas", como foi divulgado, indagamos aos transeuntes, então ficamos sabendo que as "marchas" já tinham sido apresentadas no domingo, mas como havia chovido tinha sido muito sem graça.

Voltamos para o hotel já com os ouvidos cansados de tantas músicas "pimbas". Ligamos a televisão e deparamos com as "marchas" em Lisboa. Eram grupos de bairros ou agremiações que se reuniam para concorrer com "marchas" coreografadas em cortejos que passavam diante de uma comissão que escolheria a melhor.

O concurso das "machas" aconteceu na Avenida da República e este ano ficou com: Alfama. O espírito de competição fere a dimensão coletiva e as apresentações das "marchas" pareceram algo já muito espetacularizado e destituído dos vínculos comunitários de solidariedade, característicos das manifestações populares tradicionais.

As marchas populares de Lisboa são práticas recentes e surgiram com a ruptura dos festejos tradicionais que se constituíam de arraiais e bailes populares, e fundam-se como um evento de modelo oficial, resultante do processo de folclorização, iniciado sob o Estado Novo português (anos 1930/1950).

Reconhecemos a gênese das marchas populares dentro de um roteiro de uma tradição inventada, confirmada no estudo de *Vozes do Povo*:

Aquilo que hoje se designa por marchas populares resultou duma criação original de José Leitão de Barros para a noite boémia lisboeta. Assim, correspondendo a uma encomenda do diretor do centro de entretenimento do Parque Mayer para aí realizar um espetáculo inédito com capacidade de atração popular em junho de 1932, aquele animador cultural projetou um concurso com ranchos folclóricos dos bairros antigos da capital, inspirados nos tradicionais festejos dos santos populares de junho (BRANCO, 2003, p.308).

A execução da ideia deu-se graças ao convite a coletivos culturais, núcleos de bairros, bem como ranchos típicos que se prepararam para concorrer entre si neste evento que, organizado pela empresa privada Parque Mayer, teve apoio dos periódicos *O Notícia Ilustrado* e *Diário de Lisboa*, e patrocinado por empresas privadas.

Com efeito, as marchas de Lisboa singularizam-se pela característica de, mesmo guardando traços tradicionais e populares, serem um fenômeno criado para atender, antes aos interesses políticos e econômicos de grupos ligados ao poder, do que fonte de natureza ritual e simbólica para Lisboa. Assim, tal manifestação está cingida por regras estabelecidas por seus organizadores que procuraram inculcar valores patrióticos em um período marcado pela repressão e perda de direito à livre expressão, oferecendo oportunidade de repetição automática de antigas práticas sem permitir sua transformação, como é pertinente às manifestações de raízes populares.

Este modelo de prática cultural, acreditamos, pode produzir efeitos contrários aos reivindicados pelas manifestações populares tradicionais, que resguardam os liames com a identidade e o sentimento de pertença, isto é, pela repetição, diluem e esgotam as forças criativas, perdendo vitalidade e sentido. Portanto, o contexto no qual está inserida a invenção das marchas recai sobre uma cultura de massa, ainda que convoque elementos da cultura tradicional.

Cascatas

A cascata é uma artesanaria, incrível do ponto de vista plástico e simbólico. Por um lado, realiza a criação de peças dos santos: João, Antônio e Pedro. Por outro, descreve

materialmente a vida cotidiana em barro, reproduzindo situações da vida cotidiana. O cortejo é representado com o uso de diversos materiais que também compõe a peça que miniaturiza uma procissão a Santo Antônio, São João e São Pedro.

A cascata é uma representação de cortejos e rusgas que eram práticas celebrativas comuns, antigamente, em todo Portugal. Os cortejos são caminhadas em devoção ao santo, seguindo-se um andor, neste caso de Santo Antônio, São João e São Pedro. É ocasião de festa, que envolve muitos símbolos da vida coletiva. No caso da festa religiosa, a fé é um componente fortíssimo na formação do fato festivo. Mas há todo um conjunto de relações e contradições como a oposição religiosa frente ao universo profano, entrelaçando-se para abranger as demandas de cada sociedade.

Para entender um pouco mais a efervescência da cascata na prática de um artesão, entrevistamos no dia 14/06/2013 o Sr. Felipe Oliveira - artesão que há muito confecciona cascatas na cidade do Porto. Marcamos com o senhor Felipe Oliveira para entrevistá-lo na Junta de Freguesia de Campanhã. Ao chegar, logo ao entrar no *hall* encontrei uma enorme cascata feita pelo senhor Felipe. Convidou-nos para uma sala de estar, onde realizamos uma entrevista semiestruturada.

Ao indagar: 1.O que são cascatas? Obtive a seguinte definição:

São miniaturas de cortejos de São João (São Pedro e Santo Antônio) que representam a passagem dos santos pelo Porto. Já é uma tradição muito antiga que ressalta os santos populares. Outra tradição que as cascatas representam são as rusgas, que são cortejos nos quais as comunidades carregam máscaras e imagens dos santos com brincadeiras festivas.

Então quisemos saber: 2 - Como se preserva esta tradição?

Quanto à preservação isso acontece passando de pai para filho, meus bisavós já faziam cascatas. Também a prefeitura, através da câmara, realiza um concurso de cascata, onde as pessoas realizam cascatas e concorrem entre si. Os concursos da câmara já acontecem desde a época dos meus bisavós. A câmara constitui um júri que classifica as cascatas premiando os três primeiros lugares em duas categorias: maiores de 15 anos e menores de 15 anos.

Há também concursos de montras, que são cascatas expostas em vitrines, e de quadras populares dedicadas a São João. Na noite de São João, as quadras são publicadas no jornal de notícias com a divulgação da classificação.

Quis saber: 3 - A escola participa, atualmente, destas tradições?

As escolas, nos últimos anos, não têm participado do concurso ou na realização das cascatas em virtude do final do ano letivo.

Repete-se aqui, na festa da São João, o que percebemos também em outras manifestações, a ausência da escola numa participação e preservação de saberes que constituem nossa identidade cultural. O fato de acontecer no período de férias nos parece irrelevante, uma vez que esta participação já aconteceu, pois para preparar quadras, fazer modelagem ou outras criações com motivo festivo pode-se fazer bem antes. Ir elaborando e participando de forma mais efetiva na vida comunitária.

Observações na Noite de São João no Porto

O período joanino no Porto é muito rico em manifestações do universo tradicional. Ao passar pelas ruas encontram-se, nas calçadas, muitas pessoas vendendo manjericos em pequenos jarrinhos. É uma planta que tem uma forma arredondada e um suave olor, mas é de conhecimento geral que não se deve cheirá-la diretamente e, sim, colocar as mãos nas folhas para, então, aspirar-lhe o perfume impregnado na pele das mãos. São acompanhados de uma plaquinha que vem fincada na terra com uma quadra em homenagem a São João. Como exemplo, podemos citar a seguinte:

Anda o povo contente
Com o manjericó na mão
É uma imensa alegria
Na noite de São João



Figura 3

Também, flanando pelas vias, é comum encontrar cascatas nas vitrines das lojas, miniaturas belíssimas da procissão a São João, no centro comercial.

Na véspera de São João, a cidade do Porto engalana-se toda e espera ansiosamente o ponto alto da festa, que são os fogos de artifício. À meia-noite dá-se o foguetório na ribeira e parece que toda cidade vai assisti-lo. São inúmeras pessoas caminhando pela ribeira, trazendo à mão alho-porro ou martelinhos de plásticos para baterem na cabeça uns dos outros. (Hoje, os martelinhos substituem, quase na totalidade, os ramos de alho-porro e ervas santas, que eram usados tipicamente para abençoar ou livrar do mal as pessoas, como que para abençoá-las). Caminham de um lado para o outro e muitas churrasqueiras são postas às ruas para assar sardinhas, o que também faz parte da

tradição. Em muitos lugares da cidade as pessoas montam caixas de som, ouvem música e dançam em grupos de amigos. Também são montados palcos, em pontos estratégicos da cidade, onde se apresentam artistas locais, bem como dançam em muitos pontos da cidade ao som de conjuntos musicais.

Em relação ao tipo de música que se ouve, esta, na maioria das vezes, não é nada de tradicional, pois ouvem-se músicas produzidas pela indústria cultural e de pouca qualidade sonora que, como já dissemos, os portugueses chamam-na de música *pinba*. É importante ainda relatar a presença marcante da música brasileira, do mesmo baixo padrão, cantores como Michel Teló e seu famoso: "Assim você me mata" abusivamente.

Valongo – Bugios e Mourisqueiros na Freguesia de Sobrado

Em 24/06/2013, dia de São João, assistimos, na cidade de Valongo, à realização da festa de São João mais impressionante que jamais vimos. Impressionante, não por ser algo espetacular, mas porque presenciamos uma cidade viver uma manifestação popular livre do interesse de apenas mostrar algo de espetaculoso, mas com o espírito de vida comunitária, participando para vivenciar um movimento de grande significado na vida de todos.

Trata-se de uma programação que toma todo o dia, iniciando às 8 horas da manhã, com a concentração dos Mourisqueiros e Bugios para a dança de apresentação. São danças de cortejo na qual os grupos se apresentam à comunidade. Os bugios representam os cristãos e os mourisqueiros representam os mouros. São adversários nesta manifestação que remonta às guerras entre mouros e cristãos na Península Ibérica.

É importante destacar que os figurinos são bem diferentes. Os mourisqueiros envergam traje militar de luxo, enquanto os bugios vestem uma roupa bem colorida, com capas e máscaras variadas.



Figura 4



Figura 5

Em seguida, enquanto os dois grupos dirigem-se para a casa dos bugios para "jantar", na igreja acontece a missa em homenagem a São João. Depois do "jantar", os mourisqueiros dirigem-se à igreja, mas antes dançam ao sair da casa. (Observem que a festa começa num jantar bem cedo, fazendo um processo de cenas às avessas). Às 11h30min; há uma procissão na qual os mourisqueiros carregam os andores dos santos. Os mourisqueiros dirigem-se à igreja dançando marchas e, ao chegarem, são benzidos pelo rei Remoeiro, que é seu líder. Repete-se este ritual, agora, pelos bugios que são, igualmente, benzidos. Em seguida, ambos os grupos apresentam uma dança.

Dirigimos-nos à Junta de freguesia para tentar localizar o professor-pesquisador do tema, Dr. Manuel Pinto, e assim obter mais informações sobre a manifestação. Ao chegarmos lá ocorria exatamente o momento que é chamado de Entrajadas, compostas por grupos ou pessoas que promovem a crítica social e representam sátiras, como quando, em um caminhão, passavam pessoas vestidas de calção de banho, representando ali, uma piscina de lama, na qual uns caíam sobre os outros, traziam cartazes e jogavam bolas com água uns nos outros e, naquele momento, a Junta de freguesia foi o alvo de muitas destas bolas, talvez por representar o poder instituído.

Por volta das 15 horas, um bugio, montado ao contrário, em um cavalo, e cercado de muitos companheiros, sai pelos bares e vendas da cidade a cobrar direitos com um livro de contas. E vão recebendo bebidas, bolos e outras prendas. Os comes e bebes são divididos e as cervejas muitas vezes são borrifadas sobre as pessoas. No livro de contas de "calotes", constam imagens pornográficas e a caneta é um toco de pau com que eles batem no livro antes de mostrar as folhas da "lei".

Já às 15h30min; outro brincante, montado ao contrário em um burro, passa lançando sementes à terra e, depois, outro camponês puxa dois burros com um tronco amarrado, simulando arar a terra.

À tardinha presenciamos grupos por toda a freguesia cantando músicas típicas, bem como pessoas na praça principal fazendo piqueniques. As famílias locais desfrutavam do parque da cidade onde havia bancos e se serviam de frutas e congêneres.

Na frente da igreja é feita uma grande fogueira e todo o público observa as chamas na qual são queimadas coisas velhas. Mas havia, naquele momento, um silêncio no qual todos pareciam embevecidos pela fogueira. Mais atrás, uma poça de lama era preparada, e um clima de expectativa espalhava-se no ar.

Uma cena de teatro de rua vai, aos poucos, se formando na qual se cruzam, de maneira desastrosa, um sapateiro e sua mulher com um cego e seu ajudante. Entretanto, o ajudante conduz o cego de tal maneira que o faz cair na lama. O moço, que porta uma vara enorme, ao ver o malfeito foge com a mulher do sapateiro, que se vinga perseguindo o cego, todo enlameado, também com uma vara na mão, em seguida, começa uma luta de varas entre o ajudante do cego e o sapateiro. Depois de vencido pelo sapateiro, o ajudante do cego volta-se para ele que continua acuado em uma grade ao canto, e prossegue com uma cena na qual seu ajudante retorna com a vara para que ele pegue e siga-o. É bastante interessante, pois a representação é muito emocionante, especialmente ao vermos o desespero do cego para encontrar a vara que ele peleja por agarrar.

O hilariante da cena é que o sapateiro, todo sujo, agarra as pessoas e passa lama em seus corpos, e a plateia se desvencilha como pode, e dá-se uma correria, também quando eles batem as varas nas poças e a lama respinga em muito dos presentes. A plateia acompanha tudo bem atenta e a cidade envolve-se, mesmo que não tomem parte na representação, são todos coadjuvantes e esforçam-se para que tudo saia de acordo.

Situações, como a de um espectador, ao perceber que os sapatos do cego estavam desamarrados e poderiam causar um acidente, faz o moço ir lá e os amarrar, ou quando a casa de uma pessoa da comunidade é disponibilizada para que, depois da pantomima, eles se lavem e possam voltar ao evento, demonstram a solidariedade e todo o envolvimento da comunidade.

Aqui é preciso ressaltar que só foi possível compreender o que acontecia porque o Professor Doutor, Manuel Pinto, e o secretário da Junta de freguesia, foram nos explicando o que acontecia, pois tudo ocorria muito ritmado e as pessoas do lugar entendem muito bem o que está acontecendo. Parecem não se preocupar em ser explicativos, porém, em viver toda esta manifestação, que tem sentido revigorador da vida comunitária.

Em seguida, há a Dança do Doce. Chega primeiro o cortejo de mourisqueiros e recebem o doce, água e vinho no pátio da igreja, ofertados pelo padre. Eles apresentam uma dança e seguem em marcha para o castelo dos mourisqueiros. O ritual se repete com os bugios, que seguem para o seu castelo. Ambos os castelos são palanques construídos em madeira, suspensos, como a representar torres.

Conta a lenda que sabendo o rei mourisqueiro que havia entre os bugios um santo milagroso que, segundo acreditava-se, tinha salvo o filho do rei dos bugios de grave enfermidade, e tendo aquele sua filha gravemente doente, quis tomar a imagem do santo emprestada, mas o rei bugio negou. Então ele (rei Mourisqueiro) a toma pela força e faz prisioneiro o rei dos bugios.

Daí inicia-se uma sequência de entrega de mensagens, trazidas e levadas por um mensageiro a cavalo, de um castelo ao outro, mas nenhuma negociação é possível. O rei bugio é salvo por outra tribo, que consegue libertá-lo e resgatar a imagem.

A história é narrada através de caixas de som, dispostas por todo o lugar, e acompanhada por todos com muita atenção. A representação coletiva é rica em participação comunitária, contagia toda a população e o entusiasmo é grande. É feriado na cidade, e a festa representa uma suspensão no cotidiano para se vivenciar uma passagem fictícia, mas que guarda raízes na história da vida local.

Festa de São João em Fortaleza

A festa junina no nordeste do Brasil e, em especial, no Ceará, é muito intensa e envolvente. O Santo Antônio do Pau da Bandeira, no Crato, por exemplo, é uma manifestação de fé no Santo que é representado no empenho para localizar o maior tronco de árvore a ser carregado pelas ruas da cidade.

Os ritmos são forró, quadrilhas e o baião, embalados ao som das sanfonas e triângulos, originalmente, mas, nos dias atuais, violas e guitarras, dentre outros instrumentos, começam a integrar nesta musicalidade nordestina. A diluição da prática tradicional encontra toda uma oferta oposta com os ritmos elétricos da indústria cultural. O que hoje prolifera são os festivais de quadrilhas, em Fortaleza.

Há décadas interditar ruas e fazer festas de São João comunitárias eram situações comuns, que hoje já quase não se verificam, a não ser em bairros bem periféricos da cidade.

A grande *urbe* em que se transformou Fortaleza, com seu intenso problema de locomoção, impede que as ruas possam ser utilizadas como palco de brincadeiras e festas comunitárias. O modelo de urbanização vertical e de condomínios fechados também não favorece o convívio aberto.

Por outro lado, as escolas já pouco promovem festas de São João. Os casamentos matutos já quase não são realizados como representação e, os festivais, de danças tornaram-se paródias de si mesmos. As roupas são muito estilizadas conferindo um ar de artificialidade inerente à moda e à indústria cultural.

Exacerbam-se nos brilhos e adereços, destacando características que não são próprias do homem do campo, ao qual procuram simbolizar. Antigamente, bastavam uma sanfona, um triângulo e uma zabumba e já se tinha o suficiente para um bom arraial, festa junina até não acabar. Noites que transcorrem em plena alegria, onde se saboreia pratos típicos deste nordeste brasileiro, sofrido, porém, alegre. Alegria, sim, do alimento e da fartura de sabores, de petiscos de milho, tapiocas, bolos, grudes etc.

A festa de São João comunitária rendeu-se aos imperativos do mercado e o patrocínio de festivais que homogeneízam a produção de quadrilhas, muito estilizadas, e para apresentação a um público curioso. No formato de espetáculo, os trechos teatrais reduziram-se ou desapareceram para se adequarem à montagem do espetáculo.

As roupas são custeadas pelos próprios participantes das quadrilhas que se preparam para concorrerem entre si. Um quê de competitividade, no lugar da solidariedade, domina o espírito dos festivais. Recentemente em alguns dias de junho de 2014, assistimos ao festival do Dragão do Mar, Centro de Arte e Cultura. A plateia, sentada, assiste a todas as quadrilhas. Completamente diferente desse perfil é viver um São João numa dada comunidade do Ceará. Presenciar uma festa de São João numa comunidade é apreciar uma mesa farta e um espaço para o forró autêntico, num verdadeiro arraial.

O nosso forró, mantido no gênero autêntico, tem como base a sanfona, acompanhada de triângulo e zabumba, e uma música temática que canta as dificuldades da vida no sertão nordestino. Luiz Gonzaga, seu maior expoente, cantava como ninguém as agruras, as alegrias, a paixão pelo sertão, terra seca, mas amada. Como expressa em Asa Branca:

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu
Porque tamanha judiação.

Estas práticas do homem do interior, de cantar sua terra, suas tristezas e alegrias, já se ouvem cada vez menos. Porque esta é uma realidade de populações carentes, sem poder aquisitivo, não geram lucro, não interessam. A experiência da vivência coletiva de festas na comunidade não se adequa ao modelo das indústrias de entretenimento. São festas pequenas, aonde se encontra uma coletividade, unida para festejar a colheita e dar graças a São João.

A dinâmica do mercado exige grande público, padroniza gostos, mentalidades e comportamentos, com o único intuito de mais e mais vender entradas, cds e outros variados produtos, distorcendo, na própria raiz, o sentido cerimonioso e festivo do bem cultural, oferecendo uma festa em tamanho gigantesco, mas na qual ninguém se reconhece. Os festivais são uma modalidade desses formatos comerciais de agenciamento da festa e que hoje assumem, prioritariamente, a manutenção das quadrilhas juninas em Fortaleza como um produto mais comercial. Esta constatação e conclusão se devem ao resultado de entrevistas com seis professores de Fortaleza nas quais todos se referem aos festivais promovidos nos bairros.

Considerações

O observador mais atento dar-se-á conta da alteração do caráter da festa que, pouco a pouco, deixa de representar a vida comunitária, e passa a explorar o divertimento como produto de mercado. A cultura do entretenimento, da diversão e da diversão mediática são as tônicas nos dias de hoje, enquanto prática festiva. Fica cada vez mais difícil encontrar festas de São João nos moldes da comunidade reunida.

A normatização, a padronização em festivais de quadrilhas, foi ao que se reduziram as manifestações juninas em Fortaleza, suprimiram parte significativa dos festejos. Reduziram os costumes de brincadeiras, como a representação do casamento, os balões, as fogueiras, os pratos típicos e muitas outras facetas desta comemoração vão, aos poucos, se perdendo.

Em Porto ou em Fortaleza, os festejos de São João revestem-se de uma roupagem do divertimento sem pretensões a nada mais enraizado. Lá, substituem-se os alhos pôros por martelinhos plásticos, comprometem o sentido e transformam tudo em mercadoria, aqui as quadrilhas são produtos culturais prontos para um ávido mercado.

Em Portugal, no entanto, notamos uma preocupação com o patrimônio cultural e a memória, bastante significativa. Os concursos de quadras, de cascatas e a unanimidade da festa, com foguetório, na noite de São João, são algumas das estratégias de manutenção desta tradição pela cidade. Afastando-se um pouco chegando à Sobrado, encontramos uma festa tradicional que encontra-se em processo de revitalização, com a contribuição da Universidade do Minho, As Bugiadas de Valongo na qual toda a cidade envolve-se.

Em Fortaleza, a nossa diminuta valorização da cultura e da arte, manifesta-se em uma despreocupação dos setores responsáveis pela manutenção do patrimônio cultural. No ano de 2014 não notamos nenhuma intervenção na rotina urbana, com atividades relativas às festas juninas. É deprimente constatar que não há envolvimento sério dos responsáveis por manter nossa cultura.

Mesmo a festa de São João, a mais tradicional, não é suficientemente valorizada para ganhar o *status* de conteúdo escolar, já que não houve grandes referências pelas escolas, a não ser cedendo espaços físicos para ensaios de quadrilhas de festival.

Enche-nos de vergonha este desrespeito aos bens imateriais que nos unem, numa cidade com elementos unificadores, com vínculos, com identidade. Vemos, em Fortaleza, uma cidade que sofre de um desenlace das pessoas com a comunidade. Parece que não a vemos como nossa, mas como terra de ninguém.

Como já afirmamos, anteriormente, a festa popular tradicional não é um produto comercial suficientemente atraente para a indústria do entretenimento, nem para o poder público. Está integrado ao desejo de cultura e arte das populações. Além das pessoas tornarem-se cada vez mais individualistas na sociedade atual, há aspectos que, conjuntamente, justificam um empobrecimento dos festejos de São João.

Como nos ensina ADORNO, em *Dialética do Esclarecimento: A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão*. (ADORNO, 1947, p. 20) Quanto mais sofisticada uma sociedade mais empobrecida torna-se suas vivências e maior o isolamento da coletividade, pois a indústria da diversão transforma a todos em meros e passivos consumidores.

O princípio da diversão é exatamente um estado de letargia, que nos anestesia do esforço do trabalho e, portanto, destrói tudo que seja mais que entretenimento. O espectador não atende a nenhum interesse próprio ou comunitário, mas tão somente

absorve o que é oferecido, sendo o lazer uma negação da sua essência humana e de sua capacidade criativa.

A complexa sociedade capitalista, que se pretende global, prescreve como numa medicação paliativa doses de prazer fraudulento a amortecer nossa capacidade criativa e a verdadeira alegria que a cultura pode proporcionar, enquanto prática de resistência à homogeneização e desenraizamento, função inevitável do processo artístico e cultural de refletir sobre a limitação do real, numa projeção utópica de um mundo solidário.

Referências

- ADORNO, T. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- APPLE, M.W. Política Cultural e Educação. São Paulo: Cortez, 2000.
- BAKHTIN, M. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília – HUCITEC, 1993.
- BOAS, F. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CATELO-BRANCO, S.E. e BRANCO, J.F. (Org.) Vozes do Povo: a Folclorização em Portugal. Oeiras: Celta Editora, 2003.
- COELHO, A. Festas, Costumes e outros Materiais para uma Etnologia de Portugal. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.
- FERRAROTTI, F. Sobre a Ciência da Incerteza. Portugal: Edições Pelago Ltda, 2013.
- GIROUX, H A. Os Professores como Intelectuais – Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- _____. Cultura Popular e Pedagogia Crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular in Currículo. In. Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1999.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens*, São Paulo: Ed. Perspectiva S.A. 1993.
- HALL, S. *A identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.